

OCCIDENTE



REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1103	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$800	5950	5 (20)	20 de Agosto de 1909	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	5	5		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	5	5		



O PALACIO DE QUELUZ — FACHADA PRINCIPAL E FONTE MONUMENTAL
(De fotografia)

CHRONICA OCCIDENTAL

Na representação que a Junta Liberal foi entregar ha dias ás Camaras, pedindo que fossem postas em vigor as leis que existem em Portugal contra os jesuitas, as irmans de caridade, todas as congregações religiosas, etc., dizia-se que os ultimos cem annos da historia do povo portuguez são a exhibição vivida do que pólem influencias estranhas sobre a mentalidade e o character de uma nacionalidade conforme o grau da sua educação e da sua illustração.

Abrija o seculo renovando-se a face do mundo,

os direitos do homem tinham sido proclamados, e o vento da liberdade soprava benéfico e fecundante sobre a humanidade inteira. E, todavia, nós, neste canto recuado da Europa, apavorados pela novidade que era luz, isolados como se habitássemos outro planeta, estávamos vivendo, e por quarenta annos vivemos ainda, em cegueira do entendimento popular.

Trouxeram felicidade para a nação os quarenta annos que se seguiram. Os espiritos viviam calmos e a liberdade triunfava nas leis e nos costumes.

Mas, eis que nos ultimos trinta annos, é o paiz invadido pela onda da reacção impetuosa e soberbeira, e ella submerge tudo o que eram conquistas da alma popular.

Sabe-se que periodo de duras provações foi o que passou este povo nesses primeiros trinta annos do seculo passado, quando se travou a lucta tremenda entre os principios liberaes que tentavam illuminar o paiz e as consciencias obscurantistas que faziam a força do poder. Foi, como o recordou a representação da Junta Liberal, uma epoca de sangue, de traições e de vilanias, um periodo de martirios e de maldições, em que a tirania subjugara a nação e apenas lhe permitia que visse, com a condição de que não pensasse.

A immensa desgraça, porém, estava em que o espirito popular não arquejava na revolta contra o esmagamento que sobre elle pesava, antes o achava justo, acatando como emanação divina a

distinção entre os que mandavam e os que eram mandados, entre os senhores e os escravos. As luctas que se davam eram, não entre o despotismo e as aspirações da nação pela liberdade, mas entre os entusiasmos do povo pelo jugo que sofria e a acção libertadora que vinha salvá-lo. Pegava-se em armas contra aquelles que ofereciam os benefícios da civilização e rasgavam os horisontes novos.

A Junta Liberal atribue ao convento, ao pulpito e ao confessorio esse miserando estado mental de um povo que se sentia bem na escravidão, mergulhado no aviltamento e na abjeção dos que abdicam dos seus direitos mais sagrados. E relembra que papel preponderante teve o frade na sociedade portugueza, insinuando-se nas familias e ahí exercendo a sua acção, corrompendo, aterrorizando, dominando, conseguindo fazer das almas cera maleavel entre suas mãos, conquistando por fim a nação em pezo, e tornando-se o legitimo capitão das hostes que acudiram em defesa do absolutismo e em guerra de morte batalharam contra a liberdade.

Expulso um dia, quando Aguiar quiz libertar a mentalidade portugueza do fanatismo e da superstição, o frade fingiu-se conformado com essa immensa desdita, mas não a considerou mais que como méro contratempo, e poz-se a espreitar a hora em que poderia penetrar, insinuar-se de novo na sociedade que o escorraçara.

As leis proibiam-lhe a penetração, mas as leis foram atropeladas. Esse atropelo foi o vilipendio de outra geração, mas as portas do paiz escancararam-se á invasão clerical e as legiões de religiosos, que a França sacudia de si, espalhavam-se por estas terras, nessa inquietante liberdade de fanatisação que a Junta Liberal tem como regressão a tempos ominosos.

A Junta Liberal, representando ao Parlamento contra a acção clerical exercida na vida portugueza em trinta annos de tenacidade nunca desamparada, afirmou que uma larga parte das classes educadas do paiz está cívica pelo ensino jesuitico; que o clericalismo é já força em que se apoiam os governos; que nas mais altas regiões do poder penetrou o espirito reaccionario e a sua influencia transparece em multiplos actos da vida politica dos governantes...

Viu-se o que foi o espectáculo do cortejo de liberaes que desfilou do Chiado ao Aterro e do Aterro até S. Bento, no dia da grande manifestação anti-clerical. Houve quem se desse ao trabalho de contar quantos eram os manifestantes; e comquanto os totaes dos diversos sommadores não dessem certo uns com os outros, aproximaram-se os calculos de uma totalidade que variou entre setenta mil e cem mil pessoas. Era em todo o caso um mar de gente o que se via ondulado na praça de Camões, e alastrando se pelas ruas que a multidão tomava a caminho das Côrtes, engrossando a cada instante com os caudales de outra gente que de todos os bairros de Lisboa accorriam áquelle centro e aos diversos pontos do itinerario. A passagem do cortejo toda essa massa popular dava palmas, agitava lenços, desfaldava bandeiras, estabelecia d'esse modo essa misteriosa comunhão espiritual que produz uma mesma paixão sentida. O commercio, não só nas ruas do percurso, mas por toda a cidade, associava-se á manifestação, encerrando os estabelecimentos. E pôde-se admirar, a par do sentimento liberal da cidade, a disciplina maravilhosa d'essa extraordinaria massa popular. A auctoridade não permitiria vivas — disse-se; e tanto bastou para que se não ouvisse um só grito, se não dessem uma simples infração á recomenção de prudencia que fôra feita ao povo.

Não podia ser mais convincente a affirmação de que o povo portuguez sabe o que são testemunhos de valor cívico, e é capaz de dar exemplo de cordura e de respeito pela ordem, energico mas disciplinado, obedecendo a legitimos preceitos de policia, mas sempre respeitando o mando da sua propria consciencia.

Seguiu-se depois a entrega da representação ás Camaras, e ouviu-se ainda a palavra entusiastica de um verdadeiro representante do povo, o dr. Miguel Bombarda, que disse:

— «A nação é liberal e ha de vencer, porque os homens liberaes estão dispostos a tudo sacrificar no altar da patria!»

Outro deputado expoz então á Camara a necessidade inadiavel de apreciar a legislação nacional respeitante a associações e congregações religiosas, e logo a Camara rejeitou, por uma esmagadora maioria de votos, a urgencia de semelhante tarefa!

Este simples factio faz enveredar a chronica no caminho das interrogações a que só o tempo poderá dar resposta. A demonstração do valor e da

força do sentimento popular em materia de discussão religiosa está feita, e não oferece duvidas. Mas será isto bastante para que a reacção deponha armas — essa reacção «que tem por si tantos reductos valiosos nas leis, nos costumes, nas conveniencias politicas, nos partidos?» E' d'esse mesmo parlamento que o povo liberal espera a restauração das leis de Pombal, de Aguiar e Braamcamp, e a iniciativa de outras como a da abolição do juramento politico e religioso e a do divorcio?

Para panno de amostra, viu-se como a maioria parlamentar correspondeu á extraordinaria manifestação da cidade, e em que conta teve esse movimento colossal de protesto. A maioria parlamentar não quiz reconhecer, deante da vigorosa intervenção do povo de Lisboa, que a questão que levava a cidade até ao palacio das Côrtes, e congregara em tal movimento uma tão avultada e consciante multidão, merecia ser prontamente considerada pela Camara dos deputados do povo!

Querem os verdadeiros liberaes, não agredindo as crenças religiosas de ninguem, tolerantes e respeitosos para a crença intima de cada qual, que não tenha treguas a guerra contra as invasões do clericalismo. Está muito bem, emquanto o clericalismo se refugia nos conventos e nas sacristias, e d'ahi dirige o seu fogo. Mas desde que elle faz do Parlamento baluarte e com as leis arma barricadas, como sacudi-lo de tão inexpugnaveis situações estrategicas?

JOÃO PRUDENCIO.

Primeiro amor

Nem tu sabes os sonhos em que eu ando
A architectar a minha felicidade!
E sinto-me alegre imaginando
Que ha de fazer-m'a a tua mocidade.

E rio e canto e acho bella a vida
Dos que teem quem lhe entenda o coração.
E tu sabes ser tão enternecida
Que eu julgo-me feliz, e com razão.

Bem dita és tu que dás tão bella esp'rança
A esta minha vida atormentada
Soffrer bem sei que custa, e dóe, e cança,
Ah! mas soffrer por ti não custa nada.

Tu sabes animar a besta féra,
A argila, a carne, o plasma universal!...
E se tu ris, renasce a primavera
Do mais sagrado instincto natural.

Vê se te não hei de ter amor
Tendo apprendido a amar entre os teus braços!
Se ainda hoje sinto o mesmo ardor
Da antiga crença feita em mil pedaços!

Quando te rebaixaram os vestidos
E eu tive de deixar o meu calção,
Beijos, abraços, foram prohibidos,
Faltou que envelhecesse o coração.

Tu já uma senhora muito séria
E eu a presumir de grão senhor,
Abrimos uma crise de miseria
No thesouro do nosso antigo amor.

Quão apagado amor! Quanta saudade!
Se viva ainda a chamma d'elle não fôra,
Eu não andava a minha felicidade
Com elle architectando ainda agora.

Mas sinto-me feliz imaginando
Resuscitado o nosso amor antigo.
E sonho que talvez 'steja sonhando
E temo de acordar sem ser comtigo.

E rio e canto e acho bella a vida
Dos que teem quem lhe entenda o coração.
E tu sabes ser tão enternecida
Que eu julgo-me feliz, e com razão.

27-7-09.

JOSÉ BOAVIDA PORTUGAL.

CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

O barão de Eben

A Leal Legião Luzitana, cuja chronica forma um dos mais interessantes capitulos da historia das campanhas portuguezas contra Napoleão, foi creada pela iniciativa patriótica dos coroneis Carlos Frederico Lecor e José Maria de Moura, que fugindo ao dominio francez, abrigoando-se nos navios do almirante Cotton, se encontravam em Plymouth em 1808, com uns 800 portuguezes, esperando occasião de serem transportados para o Brazil, e aos primeiros rebates da insurreição nacional, resolveram associar-se ao heroico esforço dos revoltados.

Pediú Lecor armas e auxilio pecuniario ao governo britanico, que o concedeu prontamente sob a condição do commando superior da Legião ser entregue a officiaes inglezes. A Legião devia compor-se de tres batalhões de caçadores e uma companhia d'artilharia.

Em setembro de 1808 desembarcava no Porto o 1.º batalhão com o seu uniforme verde escuro avivado de branco, e ali o esperava já o valente coronel inglez Roberto Wilson, escolhido para commandante da Leal Legião, o seu immediato Mayne e mais quatro officiaes, entre elles o barão Eben, prussiano ao serviço da Inglaterra.

Esperavam os outros batalhões, para se organisarem, que de Inglaterra chegasse o fardamento e as armas, mas como em dezembro ainda não estivesse outro organizado, sir Roberto Wilson marchou com o 1.º batalhão para Almeida a estorvar as operações das forças francezas, e o barão Eben ficou no Porto a tratar da organização, tomando parte activa na politica do bispo governador, patriota exaltado, mas que, para mal da patria, trocára o baculo pelo bastão de general.

O barão Eben foi mandado para Braga, onde teria de servir ás ordens de Bernardim Freire, e a 23 de fevereiro, foi encarregado por este general de defender a linha do Tamega occupando a Portella do Homem.

Sendo depois, nos principios de março, enviado a uma excursão pela Galliza insurreccionada, ali fez espalhar a proclamação que hoje publicamos.

O barão Eben retirou da Galliza depois da tomada de Chaves por Soult e, vindo reunir-se a Bernardim Freire, fez fracos esforços por livrar este infeliz general do furor demagogico.

Seria mais natural, se o barão Eben pensasse realmente em salvá-lo, dar-lhe força procurando por energicos meios impôr disciplina aos revoltados, do que deixá-lo entregue á guarda do povo desnorteado, que o trucidou. Não accetou as dragonas de Freire que os anergumenos lhe offereceram, victoriando-o, mas ficou commandante em chefe das forças encarregadas da defeza da estrada de Braga, e soffreu os efeitos da má disciplina d'estas tropas no Carvalho d'Este, apezar do esforço feito por dirigir o ataque n'aquelle ponto, que lhe mereceu elogios de Beresford.

Retirando para o Porto, não quiz outro commando que não fosse o do 2.º batalhão da Leal Legião, e depois da entrada de Soult, marchou para Coimbra, commandando com felicidade em muitas acções o seu breve batalhão.

RIBEIRO ARTHUR.

Proclamação do Barão d'Eben aos povos da Galliza

E' áquelles de vós habitantes da Galliza, que estaes firmemente unidos ao vosso legitimo Soberano, á vossa religião, e que quereis restabelecer a vossa independencia á quem eu me dirijo:

O Ente Supremo emfim poz limites ao feroz oppressor dos direitos humanos, que tem posto em discordia o vosso feliz repouzo: A Casa d'Austria, o unico Imperador do antigo Imperio de Alemanha, e o Imperador da Turquia tem declarado a guerra á França, e a seus cegos alliados: a Junta de Sevilha o tem participado officialmente: emfim o Imperador das Russias inspirado pela voz da Justiça, e convencido das falsas promessas, que lhe tinham feito, tambem lhe declarou a guerra; Pensae pois, fieis habitantes d'esta Provincia, o quanto não deve mudar o plano do oppressor, e perturbador das vossas passificas moradas, e que fazia um jogo das coróas dos reis legitimos.

Sim, habitantes da Galliza, eu me apresso a participar-vos esta importante noticia; se ainda vos resta algum amor pela vossa Patria, uni-vos a mim, correi ás armas, para vos libertardes do vosso oppressor; segui a voz de um verdadeiro

amigo da causa commum: eu entro nas vossas terras com a guarda avançada de um exercito que vos soccorre, e que tenta tirar-vos o jugo que vos opprime.

Voluntariamente me seguem quantidade d'estes bravos habitantes de Portugal, unanimemente animados a vencer, ou morrer pela boa e grande causa; segui pois estes patriotas exemplares, mostrai-vos dignos de vossos bravos avós, e ajudade a desterrar o inimigo commum, contando sobre os vossos magnanimos alliados. Todos os que se juntarem ás minhas bandeiras serão paternalmente recebidos, e eu vos fornecerei polvora, e balla, e tudo o que vos falta.

Segui a minha voz: Deus, Ente Supremo, dirige as nossas acções, é em nosso auxilio.

Quartel em S. João do Campo, 6 de março de 1809.

Frid Baron d'Eben, ajudante de campo de S. A. o Principe de Galles, e coronel da L. L. L.



O PALACIO DE QUELUZ

N'estes ultimos tempos bastante se tem falado do antigo e magnifico palacio de Queluz, razão porque o OCCIDENTE se occupa n'este numero, d'aquelle bello monumento da arte setecentista, que tanto tem chamado a attenção, agora que sahio da posse da Casa Real, e passou á do Estado.

Dado o character altamente artistico d'aquelle lindo palacio, feito segundo o estylo francez Luiz XV, não admira que tenha merecido ultimamente a visita de technicos, como a illustre Sociedade dos Architectos Portuguezes, e a de numerosos associados da Academia dos Estudos Livres, conhecida sociedade, que tendo por lemma *educação pela sciencia e pela arte*, emprehendeu desde ha tempos a esta parte, o estudo da arte nacional pela visita aos proprios monumentos portuguezes, explicados por um ou outro artista competente, exemplo digno de ser imitado por outras sociedades de ensino, para assim ir inculcando no povo a admiração e o gosto pelas belas obras da Arte.

E' realmente notavel observar que em Portugal, ápezar de paiz de relativa pouca extensão e recursos, existem, construídos em varias épocas, sumptuosos edificios monumentaes de alto valor artistico, segundo os estylos historicos europeus. Assim, no Templo de Diana de Evora, admira-se o *clássico*; na Sé Velha de Coimbra, o *românico*; na Batalha, o *ogival*; em Mafra, o *barôco* italiano; em Queluz, o *barôco* francez ou *rocaille*; não falando nos nossos admiraveis monumentos quinhentistas em Belem, em Thomar, do estylo *manuelino*, que embora seja um estylo de transição, tem pelas suas ornamentações maritimas allusivas aos descobrimentos, accentuado feitio nacional; só do *arabe-mourisco* e da *renascença*, não existe aqui d'essas épocas edificio monumental condigno d'esses soberbos estylos.

Com respeito ao do palacio de Queluz e congéneres em outras nacionalidades, é sabido que durante parte do seculo passado foi moda ridicularisar o estylo Luiz XV ou *rocaille*, com o epitheto de estylo *rococo*, dado pelos neo-classicos intransigentes; esses artistas da escola de David, o grande pintor da Revolução e do Imperio, não viam n'essa profusa e rica ornamentação mais que um acervo de formas decorativas incongruentes, deformadoras da pureza das ordens classicas; tambem com equal criterio os grandes artistas italianos da Renascença, não viam no estylo *ogival* das cathedraes e edificios civis do fim da Edade Média senão uns edificios de aspecto bárbaro de desproporcionadas formas e d'ahi o titulo de *gótico*, com que chrisamaram o mais admiravel estylo da arte christã, tão scientifico como construção, tão artistico como ornamentação, além de preencher de um modo surpreendente o seu fim de religiosidade.

Modernamente a critica de arte estuda esses variados estylos consoante a época e o meio em que se desenvolveram, e dá-lhe o merecimento e applauso admirativo, que realmente lhes é devido, pelo que representam de esforço em talento e genio humano para se irem obtendo, com o andar dos tempos, novas formas de arte.

E' conhecendo se a época frivola, elegante e alegre da cõrte do rei Luiz XV de França, que se comprehende nos edificios da época a causa da profusão de ornatos, quer em relevo, quer pintados, compostos de contrastadas curvas, de

conchas, de festões de flôres, de fitas, de figuras de amôres, de deuses e deusas do Olympio o que, se reflete como é sabido na litteratura e na poesia d'aquelle tempo.

O palacio de Queluz, construído por D. Pedro III, rei consorte da rainha D. Maria I, entre os annos de 1775 a 1786, obdece aos requintes decorativos do gracioso estylo *rocaille*, que se admira em Versailles na parte que o rei Luiz XV augmentou, para seus aposentos e no grande theatro annexo, e que foi aqui artisticamente empregado em Queluz, pelo architecto francez Jean Baptiste Robillon.

Sabe-se a admiração que causou na Europa, com excepção de Inglaterra, o deslustrante estylo *barôco* de Luiz XIV e Luiz XV e quanto foram imitados n'outros paizes, para o que eram contractados em França architectos para dirigirem essas quasi repetições, e assim se explica o ser o nosso lindo palacio de Queluz uma feliz, embora rezumida, reprodução do maravilhoso Versailles, mansão historica onde ainda concorrem e sempre concorrerão milhares e milhares de visitantes a admirar a opulencia e grande gosto artistico d'aquelles estylos, nos grandiosos salões e galerias do surpreendente palacio, orgulho da França.

Fôra o historico palacio e parque de Queluz, reconstruído, como dissemos, sobre as grandes casas e quinta que pertencêram ao tristemente celebre fidalgo D. Christovão de Moura que, quando Portugal após Alcacer-Kibir estava prestes a desaparecer como nação livre, depois dos gloriosos descobrimentos e conquistas dos seculos xv e parte do xvi, se prestou a auxiliar a entrega do reino a D. Filipe II de Hespanha, traição que lhe valeu o ser feito mais tarde conde e depois marquez de Castello Rodrigo.

Depois da restauração de Portugal em 1640, houve ajuste de contas com os descendentes d'esse fidalgo e de outros, que egualmente se tinham bandeado para o rei castelhano, então o confisco fez passar para a corôa, esses bens, com que se fundou a Casa do Infante, para apanágio dos segundos principes.

Foi assim que o infante D. Pedro, mais tarde D. Pedro II rei de Portugal, e depois D. Francisco, tiveram a posse do primitivo palacio de Queluz, sendo do ultimo, apezar da sua preversa indole, alguns dos notaveis acrescentamentos no solar.

Com D. Pedro III, na época referida, como ficou dito, é que a reconstrução do palacio teve logar, devida certamente ao damno que o grande terramoto de 1755 lhe causara, e, ou por que aquelle principe tivesse estado em França e alli visse Versailles, ou por que os planos aqui apresentados pelo architecto Robillon o encantassem, o facto é que o estylo adoptado foi o *barôco* Luiz XV ou *rocaille*, como hoje se denomina em França.

Tambem um outro architecto e este portuguez, Matheus de Oliveira, educado na escola de Mafra, collaborou na obra do palacio, na parte anterior, na torre do relógio, partes que mais lembram o *barôco* estylo D. João V; ao contrario, as fachadas do lado dos jardins, todas de marmore branco, é do rico e gracioso estylo Luiz XV, em que se vê por entre as pilastras classicas, nas janelas, nos tympanos e acrotérios, succederem-se os festões, conchas, etc., em bem ordenada, profusa e elegante disposição.

Em alguns dos amplos salões do rez do chão, esse estylo tem o mais encantador desenvolvimento, nas caryatides entalhadas e douradas que supportam as cornijas, nos delicados ornatos de talha, dourada ou pintada, que guarnecem os almofadados e grandes portas, nos já diminutos espelhos dispostos nas paredes e columnas facetadas, nas pinturas dos frizes e tectos, umas representando grupos de personagens da época, outras scenas mythológicas, sendo a mais interessante de todas a do tecto do salão das *serenatas*, em que o Rei, a Rainha, entre varios cortezãos e damas, todos revestidos dos opulentos trajes de cõrte e mirabolantes penteados, figuram em volta de uma balaustrada, tocando e cantando em côro.

Essa interessantissima pintura indumentária, aliás inferior como merecimento artistico á parte ornamental, sugere nitidamente o elegante e gallante viver da cõrte d'aquelle fim do seculo xviii, com todo o seu frivolo e requintado aparato. Além d'estas pinturas, no quarto chamado de D. Pedro IV notam-se as que figuram episodios do D. Quixote, a novella do immortal Cervantes.

E' curioso observar a interessante galeria que corre em volta do pavilhão em que está o quarto do Imperador, feita em estylo *imperio*, que, como se disse, foi o estylo que desde os fins do reinado de Luiz XVI ao de Napoleão o Grande esteve

em voga como reacção contra o *rococo*, e que em Queluz apparece empregado n'aquelle parte do edificio feita para o fim do reinado de D. Maria I.

Sabe-se ter existido magnifico mobiliario, pannos de Arraz, grandes espelhos, tapetes, etc., no palacio, assim como uma preciosa collecção de jarrões chinezes na sala das *talhas*, depois chamada dos *embaixadores*, ao tempo em que o rei D. João VI e a cõrte alli estiveram, até á sahida para o Brazil, e ainda depois do regresso d'aquelle monarcha, até á época de D. Miguel, do qual até ha pouco havia um magnifico retrato feito em Vienna de Austria.

Hoje, essas riquezas acham-se dispersas por outros palacios reaes; por seu lado, as infiltrações das chuvas, entrando pelos arruinados telhados, muito destruíram os tectos de varios lindos aposentos e salas, penalizando ver esse estrago, que só com muito trabalho e despeza se poderia condignamente restaurar.

Não foram improficuas as visitas das sociedades já citadas, pois ante a belleza decorativa do palacio de Queluz, lembraram se represente ao governo para organizar, nos salões de maior riqueza, um Museu de arte applicada portugueza do seculo xviii, pois seria interessantissimo e de grande valôr para os estudiosos que, n'aquelle meio em que se desenvolve o gracioso estylo *rocaille*, por uma fórma tão caracteristica, se juntassem exemplos de mobiliario, taes como cadeiras antigas de alto espaldar e de curvos pés; contadôres; bufetes de madeira do Brazil, com torneados; louças do Rato, vidros, objectos de ourivesaria; vestuarios de cõrte dos dois sexos, que deveriam ser dispostos em manequins com cabeças toucadas e penteadas a character; miniaturas; relógios de bolso; sinetes; livros impressos com estampas, gravuras, assim como reproduções photographicas das alfaias e peças valiosas, que não podessem ser transportadas para o Museu, como coches reaes, bergantins, cadeirinhas, liteiras, e tantos outros bellos objectos tornados ricos pela arte setecentista.

Dada a repetição de alguns objectos de arte applicada d'esse periodo, existentes no Museu Nacional de Bellas artes, cadeiras, bufetes, louça, tecidos, trajes bordados masculinos e femininos, entre outros, poderiam alguns d'esses exemplares servir de nucleo para o desejado museu de Queluz, que aquisições e dádivas de particulares viam depois augmentando.

Seguem-se ao palacio formosos jardins, terminados com a cascata monumental em *rocaille* e um gracioso canal enriquecido de magnificos azulejos, e grandes vasos de faiança esmaltada, além de varios tanques em fórma de conchas caprichosas, adornados de grupos e figuras da mythologia, o que tudo ainda lembra, embora em reduzido ponto, o deslumbrante parque de Versailles, a obra que immortalizou Le-Notre, o famoso jardineiro do rei Luiz XIV.

Que o precioso palacio de Queluz, hoje na posse do Estado, seja conservado na sua belleza esthetica e aproveitado para estudo dos artistas e educação do gôsto dos que se interessam pelas cousas da arte, dispondo-se-lhe escolhida collecção de objectos do seculo xviii, de que o proprio palacio é um fino e elegante exemplar, é o voto que devem fazer todos, que vêem no respeito e boa conservação d'estes e outros monumentos historicos e artisticos da nação, uma das melhores demonstrações da sua existencia como nacionalidade independente e illustrada, digna de honrarem com outras, embora maiores e mais ricas, mas não mais gloriosas nações da Europa.

O OCCIDENTE, que desde ha tantos annos capricha em patentear nas suas paginas o que ha de notavel em arte portugueza, não podia deixar n'esta occasião de se referir a um monumento nacional, como é o antigo palacio real de Queluz, que quanto mais se vê, se lhe dedica maior admiração.

J. RIBEIRO CHRISTINO.



A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XVII

(Continuado do n.º 1100)

Mais tarde apparecem tambem Silvéstre Thomás, na travessa do Pasteleiro, que ia do Chiado para o Sacramento; Pedro Honori Martinho, junto ao café do Spencer; Francisco Mauricio, ao Arco dos Pregos; Antonio Maria Necco, ao Arco



O PALACIO DE QUELUZ—VISTA DO LADO DO JARDIM

de Jesus; madame La Clerc, na rua nova da Varanda Verde, defronte do café inglês; José Massa, na rua das Flores; Francisco Massa Montano, na Cruz da Esperança; João Baptista Sergalerber, na rua do Carvalho; dois francêses que se achavam hospedados na celebre casa de pasto da Premontezza, a S. Paulo; João Bertholdo Falenê e André Montano, ambos na rua dos Calafates (1).

Nos principios do seculo XIX vejo annunciar se (em 1828) um jardineiro francês, Belary e depois Mr. Porte, que não sei onde morava; mais tarde um tal Ramel, hospedado no hotel da Carolina, ao Corpo Santo. Este em 1834 (2).

Em 1836, J. Mayne, que se intitula socio da Sociedade Real de Horticultura de Paris, annuncia uma remessa de raizes e cebolas para o seu estabelecimento na rua de S. Paulo; em 1839, encontro noticia do estabelecimento dos irmãos Bellet, na rua nova do Carmo, associados depois com um tal Belmain, e, em 1841, vejo o annuncio de dois jardineiros francêses, moradores na rua das Flores, e de um nacional que demorava defronte do Vê-o-peso (3).

Desta, talvez, comprida lista, mas a que decerto falham muitos nomes, parece-me poderem tirar-se as seguintes conclusões:

1.ª Que abundaram entre os estrangeiros floristas os de nacionalidade francêsa e italiana, o que justifica as palavras do coronel Francisco Coelho de Figueiredo;

2.ª Que alguns aqui se estabeleceram e criaram familia, como atestam os apelidos de Francisco Massa Montano;

3.ª Que a nossa rua das Flores talvez derive o seu nome da frequente hospedagem que dava a estes commerciantes.

As flores de inverno mais apreciadas

(1) *Gazetas de Lisboa* de 1741 a 1760 e de 1791, numeros de outubro a dezembro.

(2) *Gazetas de Lisboa* de 1828 a 1831, numeros de outubro a dezembro.

(3) *Gazetas de Lisboa* 1739 a 1741.

cá foram as tulipas, os ricardos de Holanda, os turbantes de ouro, os raimundos, e as anemonas, nhamadas de agatha real. Procuravam-nos os lisboetas, com frequencia, pelas lojas floridas. Emfim tiveram voga e com ellas agenciaram os floristas boa soma de cruzados.

Lá fóra, principalmente na França e na Holanda, chegou á loucura o gosto pelas borboletas. Do fanatismo pelas tulipas em Flandres originou se

a ligião dos *doidos tulipistas* que se arruinaram na compra de exemplares raros. Só em três annos, uma das cidades holandêsas attingiu a verba de 2:400 contos de réis na exclusiva venda destas flores.

Em Lille um industrial francês trocou uma importante fabrica de cerveja, que possuia, avaliada em 30:000 fr. por uma cebola de tulipa que dahi tirou o seu nome de *cervejeira*, especie extinta hoje.

Uma cebola, côr de rosa estriada de branco, serviu de dote a uma gentil *demoiselle*, filha de uns taes doidos tulipistas e deu deste modo origem á variedade conhecida pelo nome de *mariage de ma fille*.

A estas origens lendarias casa-se bem a historia da primeira tulipa preta, obtida por um sapateiro da Haia, o qual a vendeu por 2:500 florins á Sociedade dos Tulipistas de Harlem, depois de muito instado e rogado. Ora o caso é que a Sociedade possuia outro exemplar e conseguiu por esta forma, depois de verberar acremente o procedimento do artifice e de destruir a tulipa, tornar unico o seu exemplar.

Estas e outras historias, como a da fabulosa origem do *lirio chivês das fadas* a da proveniencia asiatica dos raimunculos e das anemonas que os jardineiros de Mahomet IV cultivaram nos jardins do sultão, roubei-as eu ao interessante catalogo de flores de inverno, publicado, ha annos, por Mr. Daupias.

Aconselha-lo ao leitor parece-me uma indicação ao mesmo tempo util e agradável.

Na excelente monografia, devida á fecunda erudição do sr. dr. Sousa Viterbo, intitulada *A jardinagem em Portugal*, estão colecionados os nomes dos mais notaveis jardineiros nacionaes e estrangeiros e compiladas grande numero de noticias acerca dos seus trabalhos.

Por ella vemos que o Porto tem conservado a primazia neste ramo de arte e de commercio. Os jardins do Bragrinha, de S. Lazaro (plantados e delineados por Florent Claes, horticultor francês, especialista em orchideas), os jardins do Palacio

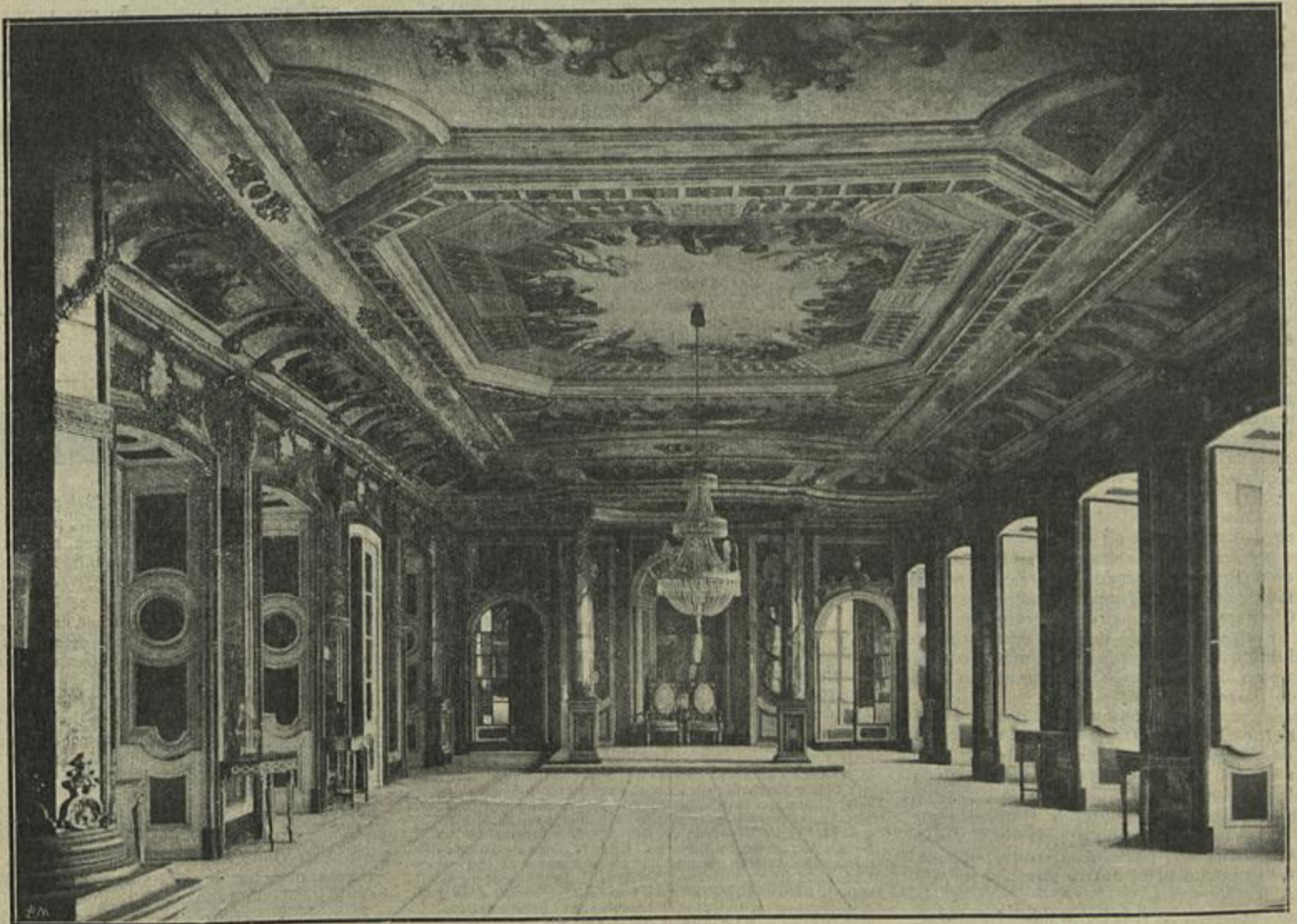


O PALACIO DE QUELUZ—O PAVILHÃO ESTILO IMPERIO, ONDE É A CAMARA EM QUE FALLEceu D. PEDRO IV

(De fotografias)



O PALACIO DE QUELUZ — A SALA DO TRONO



O PALACIO DE QUELUZ — A SALA DOS SARAUS E BAILE
(De fotografias)

de Christal, plantados por Emilio David em 1854, os jardins da Prelada e do conde de Ferreira, obra dos Gomes, verdadeira linhagem de artistas jardineiros que introduziram cá a primeira *Auraria exelsa*, aos quaes tambem se devem os jardins do conselheiro Silva e Sousa, de D. Camilla de Faria, do visconde de Gouveia, barão de Seixas, condes de Rezende e outros, atestam de uma maneira peremptoria essa primacia.

Nesse meio de artistas floresceu o grande Loureiro, floricultor entusiasta, que tornou a quinta das Virtudes uma das celebridades portuenses e cujo nome recordava o de um botânico illustre, autor da *Flora da Cochichina*.

Em Lisboa, podemos apontar a quinta das Laranjeiras, delineaada por Pedro Maurier, francês de origem, os jardins do dr. Manuel de Castro Guimarães, onde trabalhou Nogrê; os da casa Palmella, que conservam vestigios dos suissos João Rosenfelder e Jacob Weiss e dos austros Welwitsch; os do conde de Burnay, plantado por Spalla, jardineiro do barão de Rothschildt; o da Estrella, devido á pericia do jardineiro municipal Antonio Fernando Silva, que tambem trabalhou no lindo jardim do Principe Real e no do Campo de Santana; o do falecido Caldas Aulete, onde José dos Santos Ribeiro espalhou a sua ciencia e a sua arte, e o dos marquês de Fronteira, em Bemfica.

Continuar esta lista seria, decerto, sair fora dos limites que provavelmente me está concedendo a benevolencia do leitor. Por isso, ponto final.

Um distincto horticultor, Bergman, n'uma sua obra sobre Portugal (1) lamenta a falta, entre nós, de uma escola de jardinagem.

E' sempre triste ler as censuras justas que nos fazem e esta é uma dellas. O ensino official dessa arte impõe-se num paiz essencialmente favoravel á floricultura e onde as vocações abundam.

Mas, faltas como estas, muitas ha a notar. Por exemplo, Onde temos nós um mercado de Flores?

A antiga feira da Misericordia não tem hoje como representante senão uns escassos logares de venda na praça da Figueira que o Municipio não patrocina, não subsidia nem superintende.

Pois as flores são tambem como os generos alimenticios, necessarias á vida. Recreiam-nos a vista, entretem-nos o espirito, despertam nos o gosto pelo bello. Para os lares pobres, a flor, faz as vezes de baixella; ornamenta, alegre e enriquece com a sua frescura, o seu aroma e a sua cor. Não tem os poderosos melhor joia do que ellas. Uma jarra de cravos vermelhos substitue bem um manjar delicado e a alimentação pelos olhos não é, ás vezes, a menos proveitosa.

Pois tudo isto é verdade, mas hoje em Lisboa custa um cravo dois tostões e um ramo de violetas cincoenta réis; de sorte que um adereço de joias vem a ficar pelo preço de uma braçada de flores, apanhada nos jardins do arrabalde a vinthem o molho ou vindas hypoteticamente de Nice, a maioria das vezes, numa carroça do Salazar!

Para isto devia olhar a Camara, entendo eu, e melhor empregado seria esse tempo do que o que gastam em graves cogitações sobre a designação das suas novas e a substituição dos antigos nomes. Raro é a sessão do Municipio de onde não brotem novas complicações para os futuros fazedores de roteiros.

Entretanto, justo é dizer, alguma coisa se tem tentado. Vejamos.

Em 1836 projectou a Camara estabelecer no largo de S. Roque (á porta da Misericordia actual — curiosa coincidência) um mercado desse genero. Creio que não passou de projecto (2).

Em 1852, numa sessão de maio desse anno, o vereador Ayres de Sá propoz novamente o estabelecimento de um mercado na praça do lado oeste do Passeio Publico.

Nesse mesmo mez mandou-se publicar o regulamento (no *Dario do Governo*) para uma exposição de flores e plantas raras no mesmo local para a qual o vereador Ayres de Sá contribuiu com alguns exemplares.

Este vereador era um grande entusiasta por flores. Nessa mesma ocasião propoz que todas as que sobejassem, dos passeios e jardins publicos, fossem distribuidas pelos agricultores. (3)

(1) *Notes Horticoles sur le Portugal* publicadas no *Journal de la Societe Nationale d'Horticulture de França*.

(2) Synopse dos principaes actos administrativos da Camara Municipal de Lisboa — No arquivo da Camara.

(3) *Arquivo Municipal*, na Biblioteca da Camara, publicação começada n'este anno.

Tambem se pensou em instalar um mercado de flores na actual praça de Camões, como propoz o vereador Moraes Mantas em sessão de 16 de janeiro de 1860. Tinham se então, ha pouco demolido os famosos casebres do Loreto.

A proposta foi remetida em 19 de janeiro á secção competente e lá deve estar ainda hoje dormindo o sono do esquecimento. (1)

Ahi por 1877 houve uma exposição e venda de flores, no Jardim da Estrella, em beneficio das irmandades.

No anno seguinte torna a aparecer novo projecto do vereador Visconde de Carriche, modificado a seguir num simples pedido de autorisação para construir uma banqueta para venda e exposição de flores no saudoso Passeio Publico e, em 1879, o vereador Ayres de Sá torna a propôr o estabelecimento do mercado na praça Luis de Camões. (2)

Modernamente apenas conheço o projecto do sr. Alberto Pimentel que se chegou a executar, a titulo de experiencia, na praça dos Restauradores. E, triste é dizer-se, não deu resultado. A breve trecho a Camara desistiu e desapareceram as banquetas, que foram alvo da troca indigena, dessa troca parvoa que inutiliza iniciativas e destroe ideias, que faz raiva e faz nojo.

A ideia era bella sem duvida e desta vez a Camara saiu-se a salvo das censuras. A venda era pouca (verdade seja que as flores eram caras) e as vendeadoras, apezar de vestidas de preto (o que era horrivel) tiveram mais procura do que a mercadoria exposta nas banquetas de pitch-pine.

No entanto, em meio de tal fracasso, uma entidade merece, sem restricções, um rasgado louvor. Honra pois, ao sr Alberto Pimentel.

Reli agora este capitulo e achei-o emaranhado e confuso. Foi talvez longa a divagação. Perdome o leitor e creia que muito ainda fica por dizer.

Ultimamente tem-se avançado bastante e o gosto pelas flores deita raizes em Lisboa. As exposições de Mr. Cayeuy no Jardim da Escola (ainda ha pouco houve um de dhalias-cactos lindissimas) e as destes mesmos jardins de Mr. Daupias, que me levaram a esta digressão, são concorridissimos e tem razão de sê-lo.

Lisboa sustenta abundantes casas de venda e os que tem dinheiro fornecem-se no Peixinho, no jardim do Chiado e na madame Louise; outros compram-nas na praça da Figueira e a maioria contenta-se em vê-las através dos vidros das montas, como as joias do Leitão. (3)

Se ao leitor entencer a cabeça este feixe de noticias floridas, enramilhetadas, sem arte talvez, mas com boa vontade, acabo o capitulo com uma receita.

Ficamos ao principio da rua, não é verdade? suba-a comigo o leitor até o topo e vire as costas ao largo de S. Mamede. Um surpreendente panorama se desenrola a nossos olhos como uma scenografia de Manini. Essa lindissima vista dissipar-lhe ha decerto a má impressão do pesado capitulo que acabou de ler.

Lisboa tem destas surpresas. Sae a gente de um beco e depara-se lhe uma avenida; vira-se a esquina de uma rua, entre altas fachadas de predios e encontra-se o mais fantastico miradoiro.

G. DE MATOS SEQUEIRA.

A questão do Laboratorio Municipal de Chimica do Porto (1907-1908)

Por A. J. Ferreira da Silva

Director do mesmo Laboratorio

Acabo de percorrer as 412 paginas de texto, abrangidas por este volume, e, posto fosse meu unico intuito dar apenas noticia ligeira do seu apparecimento no publico, depois d'esse percurso

(1) Idem idem.

(2) *Annaes do Municipio*, na Biblioteca da Camara.

(3) Ha actualmente em Lisboa, alem do horto Daupias, os estabelecimentos hortícolas de Diogo Antonio Evaristo da Silva, nos Lóias de S. Bento; de José Gomes na rua do Marquez de Sá da Bandeira; de Julio Augusto Pereira, na rua Borges Carneiro; de Marcolino Teixeira Marques ás Amoreiras e de Antonio Joaquim Calisto, á Avenida. O *Anuario Commercial* aponta bastantes lojas de venda de sementes (1908). O Porto fica-nos n'este assumpto bem superior em quantidade destacando-se entre os estabelecimentos deste genero o Horto Municipal e a Real Companhia Horto-Agrico a.

N'esta cidade a venda de flores faz-se no alto dos Clerigos, mas, pormenor curioso, sobre as bancas não se veem jarras, nem copos nem solitarios. As vasilhas onde a mercadoria se expõe são os classicos taxos de barro vidrado das cozinhas portuenses.

resolvi tambem emitir juizo proprio sobre o caso, isto, não obstante haver já o OCCIDENTE, no seu n.º 1023, correspondente a 30 de maio de 1907, manifestado em bom portuguez qual o seu sentir.

A Camara Municipal do Porto, em sessão de 25 d'abril do citado anno, deliberou supprimir o seu Laboratorio.

Abstenho-me de apreciar a deliberação camarária indicada, por não me permitir a mim proprio a intormettencia pessoal impertinente em assumptos e em materia que me não pertencem e em resoluções que devo suppôr impostas pela força maior de circumstancias economicas administrativas.

E' certo que ácerca das oito partes distinctas em que se acha dividido o texto do volume, eu poderia sem motivo de reparo alongar-me do meu ponto de vista e analysar um pouco.

Tenho acompanhado a obra scientifica do antigo director d'aquella instituição; por mais de uma vez, n'esta revista e no *Correio Agricola de Lisboa*, tive ensejo de referir-me aos seus trabalhos de laboratorio e a publicações de sua iniciativa individual, e até possuo um folheto offercido por elle com amavel dedicatória.

Não avoco porém auctoridade, que aliás me não assiste, para pronunciar-me quer a favor, quer contra a edibilidade do segundo centro vital do paiz; limito-me a uma simples interrogação;

Recordam-se os leitores das occurrencias de deprimencia para os nossos vinhos, ha annos, no Brazil?

Não lhes acode á memoria, que as analyses levadas a effeito no laboratorio municipal do Porto e as conclusões terminantes da verdade evidenciada a que chegou o seu director, restabeleceram o credito abalado dos commerciantes portuenses?

Basta-me este só titulo, para não hesitar na affirmacão de que a officina que assim produz tem bem merecido do Porto e da Patria.

Como tal, cumpre manter-lhe a existencia proficua, senão ligada ao municipio pelo menos sob a gerencia directa do governo.

Talvez fosse viavel e por ventura de melhor plano de orientação, concertar o governo o modo de perdurar-lhe a utilidade pratica, fundindo-o com algum ou alguns institutos similares de character official, do Porto, carecendo não só de mais accommodada installação mas tambem de outros elementos seguros de desempenho completo da sua missão, os quaes, segundo me consta, collocam o extincto laboratorio municipal em situação deveras privilegiada e justificativa de legitimo orgulho.

Os fôcos prestantes da sciencia impõem-se e nunca podem remunerar-se sufficientemente.

Uma hora feliz no gabinete de um chimico abalitado é susceptivel sem exagero de rhetorica, de cometer-se na opulencia de um municipio, na ascensão prospera de um povo, na radical transformação de meios e instrumentos sociaes.

E, por fim, importa não esquecer que: — o barato sáe caro.

D. FRANCISCO DE NORONHA.



Bilhetes postaes illustrados — Coleção Alfredo Keil. O sr. Antonio Maria da Costa, proprietario da Tabacaria Costa, na rua Aurea, n.º 295, publicou uma primorosa coleção de bilhetes postaes, reprodução de vinte quadros de Alfredo Keil, em primorosas fotografias que são realmente um mimo, quer na execução, quer na escolha, se é que nos quadros de Alfredo Keil póde haver preferencias, tão lindos são os motivos de paisagem preferidos pelo pintor.

A publicação destes bilhetes postaes importa uma justa homenagem á memoria do grande artista, que o foi na pintura e na musica, homenagem prestada pelo sr. Antonio Maria da Costa, e pela qual é digno de todo o elogio.

Peregrinação de Fernam Mendez Pinto — Edição popular com uma noticia, notas e glosario por J. I. de Brito Rebello — Lisboa — 1908.

Temos presente o 1.º volume de tão notavel obra classica, editorada cuidadosamente pela livraria Ferreira e não parece que haja necessidade de recomendar-lhe a leitura, imposta pelo celebrado nome do auctor, o proprio peregrino, e pelo do conspicuo e erudito biographo e annotador, o general sr. Brito Rebello.

Centenario da primeira ascensão em aerostato

Por Bartolomeu Lourenço de Gusmão

No dia 8 deste mez reuniram-se em Paris alguns portuguezes e brasileiros amadores do desporto, para almoçarem, no Palmarium, no Jardim de Aclimação, e assim comemorarem o segundo centenario da primeira ascensão em aerostato, realisada em Lisboa pelo padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, em 8 de agosto de 1709.

Foi uma festa de caracter patriótico o recordar

A. — Mostra o modo de velame que servirá para fazer cortar os ares, levando sua derrota áquella parte d'onde fór dirigida.

B. — Mostra o modo que terá para se governar, pois sem leme seguia sua vontade, e não a de seu artifice piloto.

CC. — Apontam o corpo da barca que, como o engraçado das conchas, leva em cada vão um cano, que interiormente (com folles para isso feitos) supprirão a falta de ventos.

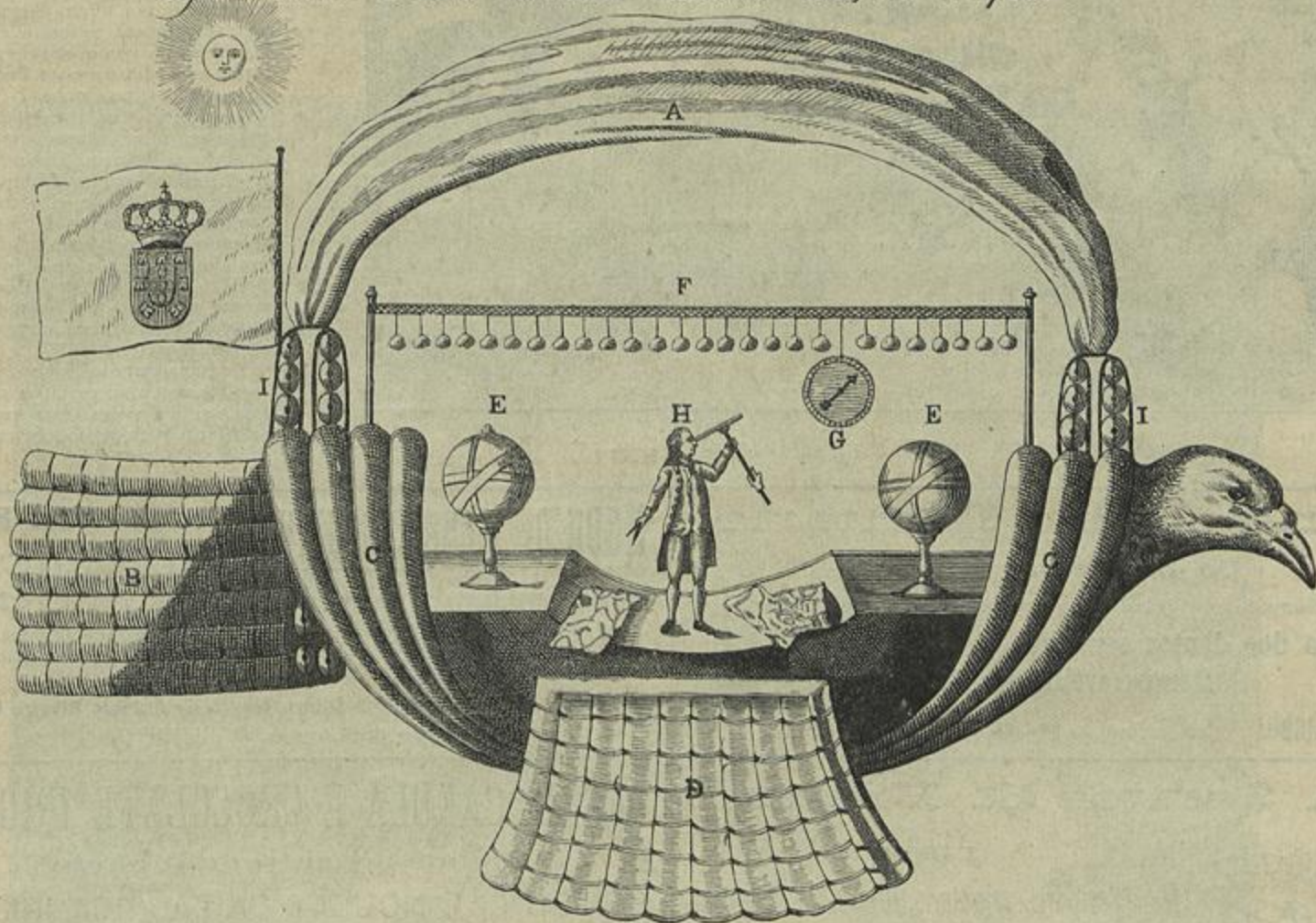
D. — Denôta o feitio de umas azas que não servirão mais que de a sustentarem, para que não cáia á banda; porque tomando o vento em si, de nenhuma maneira a derribará.

por 1708 e matricula-se na Universidade de Coimbra na faculdade de Canones.

O seu espirito inventivo, pois já no Brazil inventara uma maquina para elevar as aguas dos rios á altura que se quizesse, levou-o a pensar no meio de transporte aereo, de que resultou inventar a sua maquina de voar, de que tirou privilegio concedido por alvará de 19 de abril de 1709, realisando a sua experiencia em 8 de agosto desse anno, como ficou dito.

Repetimos: apenas recordamos o facto neste momento oportuno em que se pretende pôr em duvida a existencia de Bartolomeu Lourenço de Gusmão e do seu invento, como tambem é oportuno

Figura da nova Barca inventada em Lisboa no Anno de 1709.



FAC-SIMILE DA GRAVURA PUBLICADA EM 1774 (?)

no seio da França a prioridade de Bartolomeu de Gusmão na sua ascensão em aerostato, nessa França onde um publicista qualquer, com toda a ignorancia que o deve distinguir, escreveu que tal Bartolomeu de Gusmão e tal aerostato nunca existiram!

Não valeria a pena, a tinta e o tempo em corrigir tão grosseiro erro, se não fóra o dizer-se: quem cála consente, e assim bastará recordar que nesta revista, no seu VI vol. do anno de 1883 (1), tratou á saciedade do assunto o sr. Brito Rebello em uma serie de artigos que acompanhou com o desenho do aerostato do padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, reproduzido de um impresso feito na officina de Simão Tadeu Ferreira, em 1774, mas que parece dever ter sido em 1784, por algum entusiasta admirador do padre Gusmão para reivindicar para a sua memoria a prioridade do invento, quando em 1783 a invenção dos irmãos Montgolfieres deixava no esquecimento o inventor portuguez.

O OCCIDENTE foi tambem a primeira revista que vulgarisou o desenho da *Passarola*, assim denominada pelo povo de então, que assistiu á experiencia feita por Bartolomeu Lourenço, no seu aerostato em forma de passaro com que atravessou de um torreão para o outro do Terreiro do Paço.

Impresso nas costas do referido desenho encontra-se a explicação das letras no mesmo gravadas, e é a seguinte:

EE. — Apontam as figuras esphericas, em que está o — *segredo* — attractivo: são feitas de metal, servem de cobertura para se não corromper a pedra de cevar, que por dentro do pé, que é ouco, attrahirá a si continuamente a barca, cujo corpo é de madeira, forrado de chapas de ferro, e pela parte inferior forrada de estreitas taboas feitas de palha de centeio, para a commodidade da gente, que levará até dez homens, e com o seu inventor onze.

F. — Mostra a coberta feita de arame a modo de rede, em cujos fios se tem enfiado muita somma de alambres, que com muita actividade ajudam a sustentar a barca, que pela quentura do sol fará força para attrahir a si as estrellas.

G. — Mostra a agulha de marear; porque sem ella não se pôdem guiar.

H. — Mostra o artifice que com o astrolabio ou balestilha, compaço e carta de marear toma a altura do sol para ver onde se acha.

I. — Finalmente mostram as roldanas para por ellas se alargar mais ou menos a escota de qualquer parte que o vento faça feição.

Em poesias e outras publicações do tempo se descreve o alvoçoço que em Lisboa fez um tal invento, que todo o povo da cidade correu a presenciar a viagem aerea do padre Gusmão, ao qual bastantes trabalhos custou para levar a effeito.

Bartolomeu Lourenço de Gusmão, tendo nascido em Santos, Brazil, entre os annos de 1685 a 1688, filho de Francisco Lourenço, cirurgião mór do presidio daquella praça, aparece em Portugal

tuno recordar que foi elle o que primeiro conseguiu atravessar os ares em uma maquina que afinal era mais um acroplano do que um balão, de que nem sequer tinha a forma, e antes aproximando-se da forma e maquinismo das aves, como a que mais convinha para os seus planos, que ora se vê ser a que dá resultado como o acaba de demonstrar o aeroplano Bleriot.

O leitor curioso que queira conhecer da vida de Bartolomeu Lourenço de Gusmão e do seu invento, pôde recorrer ao volume indicado desta revista, onde o assunto está, com toda a largueza, tratado.

O MEZ METEOROLOGICO

Julho 1909

Barometro. — Max. altura 767^{mm},7 em 28.

Min. > 760^{mm},0 em 31.

Termometro. — Max. altura 34^o,6 em 18.

Min. > 14^o,3 em 8.

O termometro subiu acima de 30^o, durante dez dias, em todo o mez: Em 3, 30^o,9; em 4, 30^o,5; em 9, 30^o,6; em 13, 30^o,7; em 14, 33^o,3; em 17, 32^o,7; em 18 e 19, 31^o,0; em 29, 34^o,3 e em 30, 33^o,9. A temperatura sofreu variações bruscas em 24 horas, atingindo por vezes 17^o.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 28 dias.

Nublado 3 dias.

Chuva — Em 24, 1^{mm},3.

(1) Vid. n.ºs 158, 159, 167, 168, 171, 174 e 177.

Diversões de verão

Os srs. Antonio Martins Lopes e Joaquim Semmaville d'Araujo, promoveram na Real Quinta do Alfeite, uma festa genuinamente portugueza, (e de nome estrangeirado), um *pic-nic* que deixou as mais gratas recordações.

O programma abria com uma corrida de gericos, de Cacilhas ao Alfeite, montados na maioria por gentis meninas, que não deram ensejo a que se rissem dos seus trambulhões, cabendo, á sr.^a D. Maria do Nascimento e D. Lucinda Gomes os premios, por terem chegado respectivamente em primeiro e ultimo lugar; assim como eguaes premios foram concedidos aos srs. Pedro Cardoso e Albertino Cunha.

Ao almoço foi distribuido pelos convivas uns bonitos versos do sr. Alves Branco. Findo este, o sr. Alfredo Marques Dionisio, moço de trato lhano e afabilissimo cantou varios trechos de operas, revelando-se um artista correto, de grandes recursos, e aturado estudo. Na *La alma de Dio?* foi delirantemente aplaudido, bem como os promotores e o sexteto composto de amadores de musica.

Foi uma festa encantadora, esperando-se que outro tanto suceda á que projectam em homenagem ao sr. Marques Dionisio, em 12 de setembro.



DIVERSÕES DE VERÃO — UM «PIC-NIC», NO ALFEITE

Consultorio Dentario

Do Dr. Ferreira Pires

Diplomado em Philadelphia e Escola Medica de Lisboa

Extração dos dentes sem dór

Dentes artificiaes colocados sem placa

LISBOA — Rua Jardim do Regedor, 43, 1.^o — LISBOA

E. Santos & Freire

LISBOA

Camisaria, gravataria, luvaria e perfumarias

Foupas brancas para homens, senhoras e creanças, cama e mesa

Executam-se enxovaes para casamentos, baptizados e collegiaes

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25

Secção especial de commissões, consignações e negócios commerciaes a cargo do sócio Fernando Freire.

20, RUA DO PRINCIPE, 22



Deposito das afamadas rendas de Peniche

ÁGUA DE MESA DIGESTIVA Propriedade das Hortas ALCOCHETE

A agua mais barata que se encontra á venda — Garrações de 5 litros 120 réis

Segundo a opinião de muitos medicos da capital, consideram esta agua magnifica e de efficacia em regularisar as funcções do estomago e dos intestinos. Está oficialmente analysada.

DEPOSITO GERAL: Fructaria Internacional, de Antonio Ribeiro Cardoso 6, Rua do Loreto, 8 — LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Collegio Francês * Instituto primario e secundario

Auctorizado por Alvará Regio de 25 de julho de 1904

Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)

|| LISBOA ||

EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO

Matricula permanente de alumnos internos, semi-internos e externos, em todas as classes de instrucção primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.

Achando-se este instituto installado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitório, casa de banho com todas as comodidades e um excellente parque para recreio dos alumnos.

O corpo docente é composto dos mais auctorizados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.

Enviam-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.

O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)